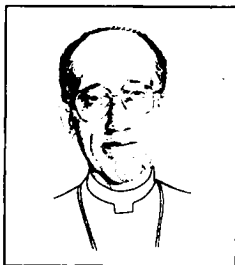


Do lado dos doentes

ESTADO DE SÃO PAULO



**Um País que
ainda não
conseguiu
oferecer
saúde para
todos**

Com sua licença, leitor, e até com o seu encorajamento, retomo, às vésperas do Dia Mundial do Doente, o tema da última crônica (*O Estado de S. Paulo*, 02.02.94): volto a falar dos doentes, mais do que da doença. A questão substantiva é a mesma: o lugar do doente na Igreja e na sociedade civil. Sobre este eminente lugar, quis testemunhar, com sua incontestável autoridade moral e espiritual, o Papa João Paulo II, ao escrever um valioso documento sobre a dor e a doença. Ao criar, entre os organismos que o assessoram no pastoreio da Igreja, um Conselho para Agentes da Saúde. Aos instituir o Dia Mundial do Doente, a celebrar a cada ano no dia 11 de fevereiro.

No âmbito eclesial, o doente tem um lugar que é de duas naturezas diferentes e complementares: ele é objeto da solicitude pastoral da Igreja mas é, ao mesmo tempo, sujeito ativo da missão e da tarefa evangelizadora da Igreja.

É crescente, na Igreja, a consciência de que sua Pastoral não pode ser indiferenciada mas deve contar com meios, modos, instrumentos e expressões diversos para levar o evangelho, os sacramentos, a vida comunitária a categorias diversas de pessoas. Nasceu assim, entre outras, a Pastoral dos Doentes (chamada também de Pastoral da Saúde) para um adequado atendimento aos doentes em suas necessidades espirituais e religiosas. Lei básica desta Pastoral é olhar o homem como pessoa humana e não como um caso clínico. Levar em conta sua situação especial e, portanto, seu estado de es-

pírito, suas reações psicológicas, suas exigências. Oferecer-lhe as riquezas espirituais da graça (palavra de Deus, sacramentos, orações) a partir das suas próprias circunstâncias. Nem é preciso dizer que o olhar pastoral vê o doente como a face dolorosa e sofredora do próprio Jesus crucificado.

Mas, além de objeto de atenção pastoral, o doente deve ter sempre presente que, no plano da Igreja e, portanto, numa visão de fé, ele

não é meramente passivo. Sua doença, longe de torná-lo improdutivo, faz dele alguém que, a seu modo, contribui enormemente na ação própria da Igreja que é atualizar a salvação operada por Jesus. É exatamente o que João Paulo II chama, reiteradamente, o valor salvífico do sofrimento especialmente da doença.

Um palavra misteriosa e ousada do apóstolo Paulo traduz o conceito: "eu completo na minha carne o que faltou à Paixão de Cristo". A cruz do doente vivida no dinamismo da fé, torna-se redentora para ele, para a Igreja e para o mundo. Como a Cruz de Cristo. Os que cuidam dos doentes devem ter consciência disso.

Neste ponto, já deslisamos insensivelmente para a questão do lugar do doente na sociedade. Opino que, embora de modo diverso, repete-se o esquema objeto e sujeito. Digamos, de saída, sem meias tintas, que uma sociedade (família, cidade, Estado ou nação) que não sabe cuidar dos seus doentes mas os desconhece, finge que não existem, deixa-os abandonados à própria sorte, não é digna de chamar-se humana. É uma sociedade interiormente desequilibrada,

desarmônica, autodestrutiva por não ser capaz de combater os germes da sua própria decomposição. Um País tem a obrigação de se organizar em função não dos saudáveis e abastados mas dos que, doentes, não têm os meios para se curar.

Lamento ter que dizer que o nosso é, neste domínio, um País em grave falta com seu povo. Um País que ainda não conseguiu oferecer aos seus cidadãos um elemento tão fundamental e indispensável da cidadania, como seja saúde para todos. Não acuso pessoas; denuncio um estado de coisas deplorável e insustentável, comentado no País e no estrangeiro, e que constitui um severo caso de consciência para quem, no Brasil, detém alguma responsabilidade no plano social.

Ninguém entre os governantes e homens públicos, os pastores, os donos da mídia, os empresários, os líderes sindicais, os representantes de categorias, ninguém pode ficar tranqüilo vendo milhões de brasileiros privados de assistência médica ou, quando tem médico, impossibilitados de comprar o remédio; privados de hospitais; reduzidos à absurda e escandalosa fatalidade de mortes, cuja causa não é propriamente a doença (em si, curável) mas a carência dos cuidados médicos mais elementares para crianças, jovens e adultos. As estatísticas, se feitas com absoluta transparência, nos mostrariam aqui um disfarçado, mas, nem por isso, menos trágico genocídio. Para que cesse esta herodiana matança dos inocentes não há alternativa senão a elaboração e implantação de uma política sanitária nacional de longo alcance. De programas de saúde baseados em prioridades válidas. De dotações orçamentárias realistas.

É inquietante ler em documento conclusivo de um encontro de secretários de Saúde do Sul, região mais

rica do país (a carta de Blumenau), que os "recursos destinados pelo governo federal para financiamento do Sistema de Saúde foram drasticamente reduzidos em valores reais, atingindo, hoje, apenas 50% dos gastos realizados em 1988". O próprio Ministro da Saúde reconhece que a real necessidade nacional na área é de US\$ 14,136 bilhões, enquanto a proposta orçamentária mal atinge US\$ 9,104 bilhões para 1994. Em virtude desta constatação, torna-se ainda mais grave e imoral, mais hedionda a rapina perpetrada no orçamento e nos dinheiros públicos em geral.

As vésperas do Dia Mundial do Doente, eu não teria como calar um grito de alarme e alerta a respeito do problema da saúde, dos mais ameaçadores do Brasil, ao lado da miséria e da fome. Quero porém, ao mesmo tempo, e sob o mesmo impulso, aproveitar a data para um sincero aplauso a todos quantos, com dedicação, prestam serviço aos doentes: médicos, enfermeiros (as), atendentes, funcionários de hospitais, Santas Casas, centros médicos, ambulatórios. Aplauzo com especial admiração e apreço duas realidades mais próximas a mim como pastor: os hospitais criados e mantidos pela Igreja em favor dos doentes mais pobres, como o da Irmã Dulce, de Salvador, e da Pastoral da Saúde, ativa em tantas dioceses e que, sem prejuízo dos seus objetivos diretamente religiosos, se preocupam também com o aspecto humano dos doentes, oferecendo colaboração para a solução deste problema social.

Tiro uma conclusão que não deveria surpreender ninguém: o doente, interpellando silenciosamente a sociedade, colabora para que ela se torne mais humana, solidária, hospitaleira e fraterna.

■ Dom Lucas Moreira Neves é cardeal-arcebispo de Salvador e primaz do Brasil.